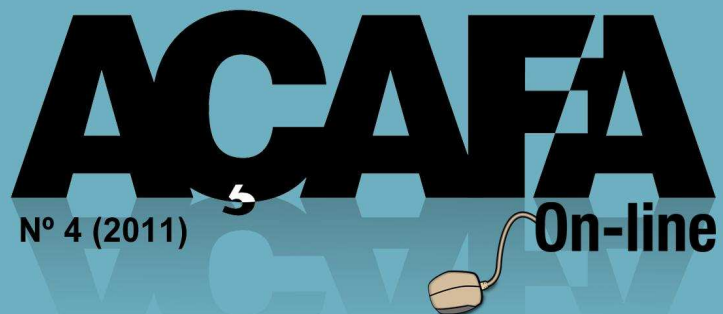


ACAFA

Nº 4 (2011) On-line



**INSCRIÇÃO RUPESTRE SOBRE O TEJO
– ADITAMENTO**

**Inscription rupestre sur le fleuve Tagus
– Additamentum**

José d'Encarnação



Vila Velha de Ródão, 2011

**INSCRIÇÃO RUPESTRE SOBRE O TEJO
– ADITAMENTO**

**Inscription rupestre sur le fleuve Tagus
– Additamentum**

José d'Encarnação¹

Palavras-chave: Rio Tejo; inscrições rupestres romanas; cheias fluviais.

Mots-clé: Le Tage; inscriptions rupestres romaines; inondations à l'époque romaine.

Resumo

Retoma-se a interpretação da epígrafe rupestre identificada em Fratel, aduzindo os comentários que, entretanto, lhe foram feitos. Assume-se como mais provável a tese de que se trata da marca de uma cheia excepcional ocorrida em época romana.

Résumé

On reprend l'interprétation de l'inscription rupestre signalée au bord du Tage, à Fratel (*conventus Scallabitanus*). Les commentaires faits par plusieurs chercheurs à la première publication du monument vont surtout dans le sens qu'il s'agit d'une marque relative à un exceptionnel niveau atteint par les eaux du fleuve, à l'époque romaine.

¹ CEAUCP – Coimbra.

Após ter publicado, em *Açafa on-line 2* (2009), a nota «Inscrição rupestre sobre o Tejo»,² quis saber a opinião de colegas meus acerca da interpretação que lhe dera.

Recordo que eu lera

TAGVS OCVS F

texto (Figura 1) que interpretei assim: «Tejo. Ocus fez», uma frase sintética que poderia desdobrar-se em: «Este é o Tejo. Fui eu, Ocus, quem isto escreveu».

Sublinhei, porém, que F se poderia interpretar também como a sigla de *F(uit)*, no sentido de «ali, o Tejo, em determinada ocasião, foi veloz». E esta segunda interpretação, além de o vocábulo latino *ocus* poder ser, de facto, um adjectivo etimologicamente radicável num termo grego com esse significado de 'veloz', colhia exemplos ao longo da história, nas regiões ribeirinhas de todo o mundo, onde é hábito assinalar o nível a que chegaram as águas em ocasiões de cheias excepcionais e violentas.

² Ora ainda disponível em

http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Inscricao_Rupestre_sobre_o_Tejo.pdf



Figura 1.

Preferi, porém, «imaginar o zagal a saborear o tempo no compassado bater do ponteiro a gravar letras sobre o penedo onde se sentara para seu deleite», a «pensar num Tejo mortífero ali, violento, a galgar margens, a arrebatrar colheitas, a arrancar árvores...» (p. 6).

Estava-se, contudo, diante de uma inscrição rupestre fora do comum e, por isso, tendo sido a revista apresentada a 13 de Fevereiro de 2010, em mensagem enviada por correio electrónico no dia 18 seguinte, sob o

título «Si non è vero, è ben trovato!», desafiei os meus colegas epigrafistas a darem-me a sua opinião: «Compete-te a ti, mui prezada(o) Colega, dizeres-me se posso ter alguma razão na proposta que faço!».

O primeiro e mais importante problema que se colocava era, naturalmente, o da autenticidade da epígrafe e o da sua colocação na época romana. Quanto a isso, não tive a menor objecção: todos concordaram comigo e também não houve leituras alternativas.³

Não se duvidou sequer da possibilidade de ser mesmo o nome do rio em época romana que ali se tinha gravado e Jean-Pierre Bost, da Universidade de Bordéus III, depois de se congratular com a descoberta («Bravo pour ce scoop épigraphique!») não hesitou mesmo em fazer, a esse propósito, um comentário jocoso:

«C'est réconfortant d'être sûr que le Tage porte bien son nom. En voilà au moins un qui n'aura pas de crise d'identité.»

³ Blanca Prósper, linguista, sugeriu-me, a 27 de Maio de 2010, uma interpretação diversa: TA(N)GVS OCVI F(*ilius*) – «una firma personal con la fórmula occidental típica», hipótese que, a meu ver, a observação da epígrafe não confirma. Como adiante se verá, também Cézer Santos perfilha a mesma opinião, interpretando, porém, *Tacus* como antropónimo inspirado no nome do rio.

A questão punha-se, pois, no desdobramento do F e na interpretação da palavra *Ocus*: adjectivo ou antropónimo? Ou seja, optar por uma ou por outra das interpretações.

E obtive, na verdade, algumas reacções, que agradeço e que, com a devida vénia, passo a transcrever, pela ordem de recepção.

Armando Redentor:

«Parece-me a interpretação mais plausível. Aproveito para lhe referir a existência de um cognome *Occ(i)us* em inscrição do Nórico (CIL III, 4987)».

Ivan Di Stefano:

«La foto non permette di valutare bene la paleografia e quindi l'epoca, ma il testo potrebbe essere antico.»

Chi lo scrisse voleva forse dire: Il veloce Tago *fecit* (ha scritto); il dio-fiume firma sulla roccia del proprio alveo (*titulus proprietatis*); oppure: il veloce Tago fece, nel senso che con la sua corrente ha levigato la roccia che diventa uno *spatium scriptorium*. Tutto questo nella fantasia dell'anonimo *scriptor*.»

Leonard Curchin:

«En vous remerciant de cette publication, je proposerais que *Ocus* représente une forme vulgaire de *Aucus* (cf. l'anthroponyme *Auca* dans le texte que vous avez publié dans FE 33 no. 149). Sur O au lieu de AU, voir par exemple "coponi" (pour *cauponi*) dans RIT 420.»

João Luís Cardoso:

«Texto interessante, sem dúvida, e enigmático. Permito-me, pois, com a tua aquiescência e respondendo ao desafio que lançaste, sublinhar a violência do Tejo naquele troço em épocas de grandes chuvas, sobretudo antes da construção da barragem de Fratel. Eu próprio, tendo

raízes um pouco mais a jusante, em Belver, como sabes, fui testemunha dessas cheias, apesar do efeito dissipador da barragem de Belver, muito anterior à primeira.

Assim, se tivesse de optar, optaria pela segunda hipótese, que também apresentas, embora pareça ser a menos preferida. E porque não significar simplesmente: Tejo, rio veloz (ou violento?).»

Cézer Santos:

Após me informar (mensagem de 23 de Fevereiro de 2010) que tivera também ele conhecimento da epígrafe, congratulando-se, por isso, com a sua publicação, considerando «interessantíssima» a descodificação que se faz «do vocábulo *Ochus*, muito, muito plausível», sublinha:

«Relativamente à interpretação que faz da inscrição, francamente, sou mais favorável à última proposta que faz «Tagus ochus fuit», tendo em conta o contexto onde se encontra inserida; julgo que o Tejo, nesta época, podia ser temido e adorado ao mesmo tempo e daí ser, eventualmente, registado um nível histórico de uma das suas cheias».

Tendo-lhe perguntado se voltara a debruçar-se sobre a epígrafe, como prometera, respondeu-me hoje mesmo (2012-01-31), acompanhando a sua missiva de três fotos da epígrafe avivada a giz. Da sua mensagem transcrevo o essencial:

«Segundo o que me parece, encontra-se inscrito um antropónimo inequivocamente indígena, cujo formulário obedece a este tipo de inscrição e que ajuda a sustentar a minha hipótese, ou seja, Nome seguido do Patronímico e indicação da filiação.

Assim sendo, o que leio é: "**TACVS OCVI - F.(ilius)**" – traduzido, *Tacus* filho de *Ocu[u]s*.

Acho que o maior problema nas anteriores leituras deste texto reside num erro do registo original da inscrição, em que a letra I de *OCVI* está incompleta e mal representada, sendo na verdade um pouco mais longa e direita do que está representado no desenho. Esse aspecto perturbador na inscrição sustenta a minha hipótese de se tratar de facto de um I e não de um S, devido a já termos um S em *TACVS* que podemos usar como comparador e que nada tem a ver com o presumível S que dá a origem, errónea, a *OCVS*.

A minha interpretação é: Indivíduo indígena, romanizado e com conhecimentos da língua latina, cujo pai é também indígena e que homenageia o rio, entidade que lhe fornece tudo, através do nome que atribui ao filho, *Tacus*. Este, provavelmente, com o conhecimento desta glorificação feita pelo pai, através do seu nome, decide então gravar o seu nome junto da entidade que o apadrinha e protege, num gesto de homenagem ao Rio *Tagus*, ao pai e a ele próprio; à sua linhagem.

Outra hipótese que nada tem a ver com isto, e no meu entender mais rebuscada, é uma representação do teónimo rio, através do formulário antropónimo, fazendo vislumbrar uma eventual “mitologia” local com a referência indirecta ao pai (*Ocus*) “mitológico” da deidade que personifica o Rio *Tacus*. Mas como disse, acho esta interpretação demasiado complicada e imaginativa.

Quanto à minha leitura preferencial, há algum trabalho de investigação que é preciso fazer, nomeadamente: saber se existem mais referências a pessoas com nomes de rios ou outros marcadores naturais, como montanhas; se existem mais epígrafes rupestres com características semelhantes, que refiram o elemento da paisagem e que formulários têm; tentar compreender se existem nomes semelhantes na

antroponímia local, as inscrições de Idanha-a-Velha podem ser uma mais-valia – será que existe em Idanha algum *Tacii??*».

Dada a obliquidade e o carácter bem cursivo do S de *Tagus* e me pareceu que existe uma curvatura final, preferi interpretar também como S (e não I) a última letra, quando procurei observar minuciosamente a pedra, na medida em que essa era uma das dúvidas a tirar. Quanto à eventual ocorrência do antropónimo *Tacius*, confirma-se: regista-se, na epigrafia da *civitas Igaeditanorum*, o patronímico *Taci*;⁴ e há outro testemunho em Nocelo da Pena (Sareaus, Orense).⁵

Carlos Fabião:

«Muito obrigado pelo texto, que é muito interessante. Se me permite, parece-me mais verosímil a hipótese mais simples, que é a de se tratar de uma espécie de indicação de nível de cheia (se uma cheia for torrencial e atingir níveis inusitados deve ser suficientemente assustadora para justificar essa referência).

⁴ SÁ, Ana Marques de, *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007, inscrição nº 103, p. 86.

⁵ AE 1976 295. Anote-se que a leitura do G não padece dúvida, como expliquei em 2009.

Por acaso, não sei se o tema será tratado no volume que se encontra em preparação sobre o Castelo da Lousa, mas creio que o abandono daquela imponente estrutura deve estar relacionada com uma das cheias seculares do Guadiana. É significativo (creio) que se encontra um espesso depósito de aluvião "limpo", selando os níveis de ocupação de época romana, e vestígios de sedimento fino (também de aluvião) nos próprios interstícios das alvenarias da torre central (na altura, quando ainda estava visível, debati esse tema com o Diego Angelucci e com o António Brum).»

Foi já publicado o volume citado pelo Doutor Carlos Fabião.⁶ O capítulo 8 – Geoarqueologia (p. 523-547) deve-se precisamente a Diego E. Angelucci, que nele aborda a análise dos sedimentos encontrados e toda a envolvimento geomorfológica do «castelo», nomeadamente para responder à questão: porque foi abandonado o sítio ainda em época romana, devido a um «evento aluvial catastrófico» ou a um «evento sísmico»? Acaba por confessar que, em relação à última hipótese, «não foi possível encontrar [...] qualquer registo arqueosismológico certo (p. 546); e, no que se refere à primeira, as «intercalações de material

⁶ ALARCÃO (Jorge de), CARVALHO (Pedro C.) e GONÇALVES (Ana) [coord.], *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*, série *Studia Lusitana* nº 5, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2010.

notoriamente aluvial nos depósitos de vertente que parecem coevos do sítio [...] à altura aproximada de 113 metros» não são de molde a resolver a dúvida, que fica, por isso, em aberto: «A partir dos poucos dados obtidos, não vamos conseguir demonstrar a inundação do sítio durante a ocupação romana», embora acrescente: «Ainda assim, esta possibilidade não se pode excluir de forma definitiva» (*ibidem*).

Conclusão

Faltaram, pois, no romano Castelo da Lousa, habitantes com visão de futuro e sentido histórico (!) que – à semelhança dos nossos homens da lezíria, que marcam nas casas os níveis das cheias do Tejo com a respectiva data da ocorrência... – também o tivessem feito nos muros do seu sítio!

Quiçá este aspecto possa vir a despertar nos investigadores e nos arqueólogos maior atenção aos (aparentemente) insignificantes grafitos gravados em paredes, aqui e além, e que, porventura, têm passado despercebidos. Se outro mérito não tivesse a epígrafe de Fratel, esta consciencialização é, fora de dúvida, um dos principais.

Assume-se, por consequência, que a segunda hipótese por mim avançada se apresenta como a mais verosímil, fazendo radicar a palavra *ocus* no vocábulo grego com a significação de «ágil», «veloz», como então se escreveu (p. 5-6), qualificativo, inclusive, de divindades.

Confesso que não tenho conhecimento de que outras considerações hajam sido feitas – porventura, as houve – a este propósito. Julgo, porém, que as apresentadas são de per si suficientemente elucidativas para mostrar como pôde ser eloquente e sedutor, até do ponto de vista científico, tão modesto texto perdido numa quebrada sobranceira ao Tejo, num dos locais (diga-se) em que o rio se apresenta, ainda hoje, digno de admiração e respeito, pela imponência da paisagem.⁷

⁷ Este texto integra-se no projecto de investigação do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n° 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).